

PE-101 - IMPACTO DA PANDEMIA SARS-COV-2 NOS TRANSPLANTES PEDIÁTRICOS NO BRASIL: UMA ANÁLISE DOS ÚLTIMOS SEIS ANOS

Giseli Costella¹, Glaziele Rodrigues Garcia¹, Gabriela Pieniz Deboni¹, Giovanna dos Santos Bruni¹, Loiva Beatriz Fernandes Letner dos Santos Filha¹, Luzia Bulla Paviani¹, Paula Daronco Berlezi¹, Marcelo Generali da Costa¹

1 - Universidade Luterana do Brasil, ULBRA.

Introdução: O transplante de órgãos é o tratamento preferível em crianças com doenças em estágio terminal, podendo ser necessário apoio aéreo no deslocamento para os transplantes, segundo determinado pela Portaria Interministerial Nº 2.765, de 20 de outubro de 2017. Contudo, em 2020 iniciou-se a pandemia SARS-CoV-2 no Brasil, gerando restrição no transporte aéreo de órgãos e causando impacto negativo nos transplantes pediátricos. **Objetivo:** Analisar o impacto da pandemia SARS-CoV-2 na realização de transplantes pediátricos no Brasil. **Metodologia:** Estudo descritivo sobre o número de transplantes pediátricos realizados no Brasil entre 2015 a 2019 em comparação aos realizados durante a pandemia de 2020, por meio de dados apontados nos boletins anuais de Registro Brasileiro de Transplantes (RBT). **Resultados:** Em 2015, aguardavam-se 545 transplantes pediátricos e 75% deles foram realizados. Em 2016 o parâmetro se manteve. Nos anos de 2017 e 2018, 1184 e 1279 crianças aguardavam um órgão, respectivamente, e ambos os anos tiveram aproximadamente 47% dos transplantes realizados. Em 2019, 1093 crianças necessitavam de um órgão e 53% foram transplantadas. Em dezembro de 2020, haviam 902 pacientes pediátricos em lista de espera, sendo 340 para rim, 61 para fígado, 45 para coração, 14 para pulmão e 442 para córnea. Comparando ao mesmo período em 2019, no ano pandêmico foram feitos 15% e 24% menos transplantes hepáticos e renais, respectivamente, analisando todos os transplantes de órgãos sólidos no Brasil, houve 17% menos crianças transplantadas. **Conclusão:** Em 2015 e 2016 houve alta taxa de transplantes realizados (75%), todavia, o ingresso em lista de espera era menor, justificando a porcentagem. Nos anos seguintes (2017 a 2019), o número de ingresso em lista se manteve pouco variável e apresentou aumento nos transplantes realizados. Entretanto, a pandemia SARS-CoV-2 impactou negativamente nos transplantes pediátricos brasileiros em 2020, podendo atribuir à restrição aos transportes aéreos de órgãos.

PE-102 - RABDÓIDE EXTRARENAL: UM RELATO DE CASO

Pâmela de Souza Matos Paveck¹, Beatriz Dornelles Bastos¹, Luciana Silva dos Santos¹, Nicole Mesquita Souza¹, Fátima Cleonice de Souza¹

1 - Universidade de Santa Cruz do Sul, UNISC.

Introdução: Tumores rabdoides estão entre um dos mais agressivos e letais, geralmente tem localização renal e apresentações extrarenais são infrequentes. Acometem crianças com idade inferior a 5 anos e tem alta taxa de mortalidade. **Descrição do caso:** Paciente masculino, 2 meses e 6 dias, sem intercorrências no pré-natal, foi encaminhado ao hospital de uma cidade no interior do Rio Grande do Sul para investigação de tumorações em região cervical, com aproximadamente 3,5 cm, e em região supraescapular esquerda, com 5,5 cm. No exame, sem sinais flogísticos, estava endurecido e indolor à palpação e mobilização cervical. Ecografia mostrou massa em região cervical esquerda e supraescapular, com áreas de gordura e trabeculações finais com possível linfadenomegalia. Tomografia cervical/dorsal mostrou volumosa massa de contornos lobulados na região cervical lateral esquerda de C2 a C3 com crescimento para região dorsal com tamanho de 8,2 x 5,5 cm no eixo axial e 3,2 cm no eixo caudal, estendendo-se próximo à derme, sem linfadenomegalias. No diagnóstico diferencial incluiu-se lesão neoplásica primária de origem muscular e neuroblastoma. Sem alterações na evolução, foi transferido para um hospital pediátrico de referência em Porto Alegre onde teve diagnóstico confirmado de rabdoide extrarenal. **Discussão:** Tumores rabdoides têm metástases precoces e aceleradas e apresentam mau prognóstico. Estudos mostram que as taxas de sobrevivência ficam entre 15-36%. Também, o diagnóstico é um desafio, pois há tumores de apresentação morfológica semelhante, que podem não ter características rabdoides típicas. O paciente relatado teve como diagnóstico diferencial neuroblastoma e lesão neoplásica primária de origem muscular, o que pode ter dificultado o diagnóstico definitivo. **Conclusão:** O diagnóstico precoce de tumor rabdoide extrarenal ainda é um desafio. Por isso, e pelas metástases rápidas e disseminadas, o tratamento pode não ter eficácia e o tumor apresenta prognóstico ruim. Tumores rabdoides extrarenais ainda apresentam, como nesse caso, o óbito como desfecho da patologia.